

SOBRE A AUTONOMIA DE NOVAS IDENTIDADES COLETIVAS: ALGUNS PROBLEMAS TEÓRICOS

SANTOS, MYRIAN SEPÚLVEDA DOS

97ST1523

O estudo de identidades coletivas esteve, durante este século, apoiado basicamente em conceitos macro-estruturais. Definia-se a identidade de um grupo de acordo com o posicionamento de seus membros em relação ao antagonismo entre capital e trabalho; relativamente a renda ou salário recebidos e status adquirido ou pela associação a representações coletivas construídas através seja da historiografia, seja de laços de familiaridade. À medida, no entanto, em que conceitos como os de reprodução de força de trabalho, função e estrutura tornaram-se insuficientes para explicar a pluralidade de novos movimentos sociais e a diversidade de questões que levantavam na legitimação de suas identidades, novas explicações surgiram. Como a maneira pela qual atores atuam no mundo vincula-se basicamente à consciência que têm de si mesmos e não às identidades que atribuímos a eles, sejam elas relacionadas à nação, classe social, gênero ou etnia, estudos mais recentes passaram a compreender a formação de novas identidades coletivas a partir predominantemente das construções resultantes da interação entre atores na vida cotidiana. Passa-se a afirmar, portanto, que indivíduos constroem suas identidades e que a manutenção destas identidades depende apenas do processo resultante da interação mantida por estes próprios atores na compreensão de si próprios e na sua intervenção na realidade. Diversos estudos passam a definir o processo de construção da identidade coletiva a partir, não só de um agregado de interações, como é o pressuposto de teorias apoiadas na possibilidade monitoramento do comportamento e seus contextos, mas também no individualismo e na razão estratégica, que se encontraria limitada apenas pela própria consciência adquirida dos limites da ação. Evidentemente, há aspectos que extrapolam a reflexão do ator a serem considerados nestas construções de identidades coletivas. Este trabalho tem como objetivo levantar alguns problemas teóricos que surgem com a nova autonomia atribuída às identidades coletivas a partir da discussão dos estudos de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva. Atualmente, o trabalho de Halbwachs é apropriado por diversos estudos, que, ao terem como objeto de estudo novas redes de sociabilidade e movimentos sociais emergentes, procuram um amparo teórico para a explicação dos processos de construção de identidades coletivas. Embora esta não seja uma apropriação indevida, Halbwachs, ao longo de seu trabalho, deixou claro que a margem de atuação de atores na invenção de novas identidades não seria soberana, uma vez que indivíduos seriam capazes apenas de uma collage de imagens, a partir da composição de inúmeras representações coletivas que os antecederiam.

Há atualmente uma tendência crescente nas Ciências Sociais a desqualificar e, mesmo, ignorar trabalhos mais antigos, bem como há o incentivo a uma contínua reedição de idéias e propostas, que são adequadas a novas formas de linguagens e ao atendimento de novos requisitos. O trabalho de cinco anos atrás parece não encontrar mais espaço de diálogo com as novas questões que são colocadas, aparentemente, devido ao surgimento de transformações sociais tão radicais que nova agenda temática no campo científico passa a ser exigida. Além disso, idéias antigas são reelaboradas, sem nenhuma preocupação com uma busca mais responsável sobre seus primeiros fundamentos. Minha proposta neste ensaio vai de encontro a esta corrente dominante, pois concentra-se justamente no resgate do trabalho de Maurice Halbwachs, um sociólogo, discípulo de Émile Durkheim, imbuído do positivismo do início do século e sem uma inserção sacramentada entre os clássicos das Ciências Sociais. Acredito que os trabalhos que deixou sobre memória social, escritos ainda na primeira metade deste século, contribuem de forma fundamental à nossa compreensão do que sejam os processos contemporâneos de construção de identidades coletivas e suas implicações políticas. Acredito, portanto, que valhe a pena dispender algum tempo na tentativa de melhor compreender o que Halbwachs realmente disse sobre memórias coletivas, antes de apropriarmos-nos de seu pensamento, que tem assumido importância cada vez maior, pois além de trazer subsídios para sociólogos, historiadores e antropólogos, seu trabalho vem tornando-se imprescindível para cientistas políticos e todos aqueles preocupados com as novas políticas de identidade que se formam, denunciando legados de opressão e esquecimento, cujas marcas podem ser encontradas nos quadros sociais da memória tão bem delineados por Halbwachs.

II

... a memória individual não é possível sem instrumentos, como palavras e idéias, os quais não são inventados pelos indivíduos, mas tomados emprestados de seu meio.

Maurice Halbwachs

Encontro-me de frente a um computador escrevendo e reescrevendo frases que jamais me deixam completamente satisfeita com seu sentido. À medida em que eu faço e refaço estas frases, eu chego a conclusão de que por mais que eu escreva eu não consigo expressar completamente o que eu penso. O resultado é que eu escolho a melhor frase. O mesmo acontece com a memória. À medida em que nos lembramos de um evento do passado, nós o fazemos através da reconstrução de uma série de imagens fragmentadas e de um conhecimento acumulado que temos sobre o passado. No momento exato em que expressamos o passado sobre a forma de imagem reconstruída, tal como a frase escolhida, damos ao passado uma localização específica no tempo e espaço, e à memória a rigidez que ela não possui; obedecemos a experiência adquirida ao longo dos anos, embora traindo a fidelidade ao passado. Como a imagem lembrada é sempre uma criação do presente, há sempre um hiato entre a imagem construída sobre o passado em gestos, pensamentos ou ações e o passado. Frente a esta constatação, é claro que nós podemos rejeitar a imagem que construímos, mas para isso é necessário que ela se mostre concluída.

Todo o paradoxo encontra-se no fato de que se só somos capazes de perceber a incompletude de nossas reconstruções sobre o passado à medida em que elas se concretizam. Nesse sentido, é importante considerar que memória enquanto pensamento, ação, ato de reconstrução jamais identifica-se à memória construída, imagem definitiva sobre fatos, eventos, fragmentos do passado. Embora seja necessário, portanto, compreender memória em seu fluxo e movimento, em que sua própria construção é questionada, o primeiro aspecto a ser enfrentado é, evidentemente, o dos limites da memória enquanto construtora de identidades, pois são as diversas identidades que construímos que nos dão nosso lugar no mundo. Da mesma forma que imagens lembradas, construídas não são idênticas às imagens que se sucedem ao longo de nossas vidas, as identidades construídas, sejam elas individuais ou coletivas, também mantêm distância em relação às diversas experiências vividas por indivíduos e grupos sociais. Conscientes de que temos que lidar com este hiato entre processo de construção e imagem construída é que voltamos-nos para a contribuição de Halbwachs.

Maurice Halbwachs foi um dos autores que mais contribuiu para a compreensão do significado de construções coletivas. Viveu em Paris no início do século e, como ele mesmo lembra, vivenciou com a morte de Victor Hugo o desaparecimento do Segundo Império na França. Profundo conhecedor do debate filosófico da época, pois teve sua primeira formação acadêmica como discípulo do filósofo Henri Bergson, debruçando-se, logo a seguir, sobre estudo de trabalhos não publicados de Leibnitz, renunciou completamente às assertivas filosóficas de seu tempo e procurou uma nova inspiração teórica no trabalho do sociólogo Émile Durkheim, de quem tornou-se colaborador.(1) O primeiro trabalho acadêmico por que ficou conhecido foi sobre classes sociais, onde já defendia o argumento de que a identidade atribuída a trabalhadores não poderia ser compreendida apenas pela inserção de determinados grupos sociais em atividades econômicas.

A partir de sua nomeação como professor na Universidade de Strasbourg, Halbwachs dedicou-se ao estudo da memória e foi, de fato, o primeiro scholar a enfatizar o caráter social da memória. Ele afirmou, há mais de 70 anos atrás, que tudo o que nos lembramos do passado está, de alguma forma, construído no presente. Na verdade, ele escreveu sobre quadros sociais da memória numa época em que memória era compreendida basicamente enquanto fenômeno individual.(2) *Les cadres sociaux de la mémoire* foi publicado em 1925 e representa ainda hoje um dos trabalhos mais importantes sobre os processos de construção e desconstrução de memórias coletivas com que podemos contar. Neste livro, Halbwachs estabeleceu os princípios fundamentais de uma teoria sobre memória que foi desenvolvida empírica e teoricamente em obras posteriores. Em 1939, escreveu um ensaio sobre a memória coletiva de músicos, mostrando que indivíduos só conseguem lembrar-se e reproduzir músicas porque eles carregam consigo padrões adquiridos socialmente que os capacita a codificar tons, ritmos e melodias. Dois anos mais tarde, desenvolveu um estudo empírico sobre memória coletiva, *La topographie légendaire des évangiles en Terres Saintes*, no qual mostrou uma sensibilidade à importância do estudo de lugares da memória e imagens coletivas, que só recentemente tem tido ressonância.

Seu quarto escrito sobre memória coletiva, *La mémoire collective*, foi publicado após sua morte, em 1950, e representa um aprofundamento e esclarecimento de idéias e pensamentos estabelecidos anteriores. Segundo Mary Douglas (1985), que editou o livro nos Estados Unidos, embora esta seja ainda uma obra incompleta interrompida pela morte do autor, vítima do campo de concentração de Buchenwald isto não impede seu brilho, principalmente no que tange suas observações sobre história e memória. Como a história sempre apronta suas ironias, é preciso ressaltar que apesar da importância crescente que seus estudos sobre memória têm assumido para nós, hoje, foi a paixão de Halbwachs por matemática e estatística que lhe deu o prestígio necessário à sua época e o consolidou na carreira de sociólogo.

Ao analisar memória como um fato social, seguindo a metodologia Durkheimiana, Halbwachs procurou uma alternativa a um debate de época: a oposição entre espírito e matéria na produção do conhecimento. Procurou, na sua formulação sociológica sobre a memória, uma alternativa não só à interpretação dada por Bergson (1985), como também por diversos escritores, filósofos e psicanalistas de sua época como James Joyce, Marcel Proust, William James e Sigmund Freud. A afirmação básica de Halbwachs sobre a memória é a de que quaisquer que sejam as lembranças do passado que possamos ter por mais que pareçam resultado de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais elas só podem existir a partir dos quadros sociais da memória (1925, xvi). Esta tese, longe de ignorar que indivíduos têm memórias, e, portanto, de aniquilá-los do processo de construção de memórias (e, portanto, também, de identidades) coletivas, na verdade, estabelece um argumento irrefutável, e é sobre ela que nos deteremos.

Segundo Hutton (1993, 73-91), das várias analogias trazidas por Halbwachs no seu esforço em explicar o significado de memórias coletivas, aquela em que ele descreve as ondas do mar quebrando-se em um litoral rochoso é a melhor. Halbwachs nos diz, então, que à medida em que a maré sobe, as rochas ficam submersas e que à medida em que desce, deixa em seu lugar apenas pequenos e esparsos lagos entre as formações rochosas. O mar avançando representa a memória viva, que em seu refluxo deixa pequenos lagos e rochas, ou seja, os lugares da memória, que moldam e contêm o que restou da memória viva. Embora não deixasse de lado os pequenos lagos, foi, inegavelmente, com as grandes rochas que Halbwachs mais se preocupou.

Halbwachs, ao pensar a memória a partir de quadros sociais, portanto, está afirmando que o passado aparece a nós inscrito em estruturas sociais do presente, e que memórias, embora pareçam ser exclusivamente individuais, são peças de um contexto social que nos contêm e que é anterior a nós mesmos. Há duas dimensões, então, que podem ser destacadas em seu trabalho: a primeira diz respeito à relação entre memória individual e coletiva e a segunda entre passado e presente. À medida em que nós nos lembramos, nós construímos as imagens enquanto membros de grupos sociais determinados e, neste processo, nós obrigatoriamente utilizamos as convenções sociais disponíveis a nós. É necessário considerar que indivíduos nem se lembram por eles mesmos, nem se lembram de um tempo que esteja fora do presente, isto é, eles sempre necessitam da lembrança de outros indivíduos para confirmar ou negar suas lembranças localizadas em algum lugar específico no tempo e no espaço.

Ao ressaltar o caráter social da memória, o autor nos diz que nem mesmo memórias que pensamos ser exclusivamente individuais podem ser pensadas apenas em termos do indivíduo. Aquele que relembra um tombo acontecido na infância, por exemplo, ainda que não tenha tido testemunhas, e que pense ser esta uma lembrança exclusivamente sua, tem associado a esta lembrança o lugar, os antecedentes, o relato posterior, a reação de outros reais e imaginárias, enfim uma série de situações em que o tombo foi construído a partir seu convívio com outros indivíduos. Esta rede de relações e interações está presente na memória que ele guarda como exclusivamente íntima e pessoal de um tombo de infância.

Para Halbwachs, portanto, não há uma única memória coletiva que se impõe ao conjunto de indivíduos. A questão é que o indivíduo nunca parte do vazio para reconstruir suas memórias: Se as imagens do presente fundem-se estreitamente com as lembranças do passado, e se as imagens parecem a emprestar às lembranças sua substância, é porque nossa memória não é como uma tábua rasa. Nós nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber nestas imagens, como em um espelho distorcido, alguns traços e alguns contornos (talvez, ilusórios) que nos recuperem a imagem do passado (1968, p. 5). A memória é adquirida à medida em que o indivíduo toma como sua a atitude do grupo com o que se relaciona: há um processo de apropriação por parte do indivíduo de representações coletivas.

Halbwachs, seguindo uma tendência de sua época, procurou superar as imponderabilidades da intuição e subjetividade, através da tentativa de cristalizar o fato social, neste caso, memórias coletivas. Evidentemente que contemporaneamente achamos, no mínimo, ingênuas as tentativas feitas no início do século de controlar cientificamente os determinantes da vida social, mas isto não nos impede de considerar estas tentativas como mais uma fonte de aprendizado. Aliás, a tentativa de partir de construções coletivas genéricas não impediu que Halbwachs considerasse os diversos aspectos envolvidos em sua construção. É meu ponto de vista de que o hiato entre construção e representação

nunca esteve fora das considerações de Halbwachs. Memórias coletivas foram consideradas representações abstratas, mas, simultaneamente, como resultado da interação de indivíduos, sem que estes dois polos jamais mantivessem entre si uma identidade única. Como descrito por Halbwachs, indivíduos relacionam-se com diferentes quadros sociais da memória durante suas vidas, à medida em que vão para escolas, lugares de trabalho, grupos religiosos, ou mesmo, permaneçam em suas famílias. Cada indivíduo traz consigo uma composição única destas inúmeras experiências. Não há, portanto, imposição de uma representação coletiva sobre mentes e subjetividades, mas várias representações, relativas a diferentes grupos, através dos quais indivíduos socializam-se e constituem suas identidades e memórias ao longo de sua vida.

A afirmação de Halbwachs de que indivíduos que têm lembranças devem ser compreendidos enquanto parte de um grupo (1968, 33), ou seja, on peut dire aussi bien que l'individu se souvient en se plaçant au point de vue du groupe (1925, xviii) faz com que seu trabalho longe de estar aprisionado à perspectiva da imposição do social sobre indivíduos, possa facilmente ser apropriado e interrelacionado às abordagens psico-sociais, que partem da investigação dos processos interativos de produção de memórias coletivas, seja o trabalho pioneiro do psicólogo inglês Sir Frederic Bartlett sobre schemas,⁽³⁾ que seriam códigos sociais da memória internalizados pelos indivíduos, a trabalhos mais recentes como os do psicólogo Ulric Nesser, que tem denunciado a ineficácia de estudos neurológicos e laboratoriais sobre a memória, apontado como alternativa o estudo da memória em relação a diversos contextos da vida cotidiana, o que possibilitaria maior conhecimento de como as pessoas utilizam suas experiências passadas ao enfrentarem os desafios do presente (1982a; 1982b; 1990a; 1990b).

Bartlett relatou em seus estudos (1932) que nativos da tribo Swazi, após visitarem a Inglaterra, lembravam-se de gestos, objetos e fatos que, de uma forma ou outra, já lhes eram familiares. Mostrou com isso que estruturas são apropriadas independentemente de seu sentido. Os nativos lembravam-se do guarda de trânsito inglês, porque este levantava a mão de uma forma familiar, pois eles utilizavam os mesmos gestos para saudarem-se uns aos outros. Embora Halbwachs procurasse compreender a memória através do estudo dos quadros coletivos e Bartlett dos processos de apropriação individual destes quadros, o trabalho de ambos, à medida que sejam considerados enquanto complementares, nos ajudam a compreender como ocorrem os processos de construção e manutenção de identidade. Também os estudos de Neisser podem ser vistos como complementares aos de Halbwachs uma vez que eles tratam a memória, por mais individual que possa parecer, como uma atividade social que não pode ser desvinculada de fatos, histórias, rotinas familiares, habilidades adquiridas, temas escolares e mapas geográficos.

Mas se o trabalho de Halbwachs pode ser associado àqueles que investigam os processos de construção de memórias coletivas⁽⁴⁾, ele também deles se diferencia e, a meu ver, de uma forma positiva, à medida em que considera também a relação da memória, enquanto processo, com construções sociais mais amplas, genéricas, abstratas que antecedem o próprio processo de sua construção. Halbwachs nos relata o seguinte caso: ao ir a Londres pela primeira vez, embora sozinho, visita diferentes lugares e pessoas. Ao retornar a Paris, traz com ele diversas lembranças de Londres que se remetem apenas a sua perambulação pela cidade, enfim, a fatos, imagens, tragédias que não teve com quem partilhar. Será possível, pergunta-se ele, que, ainda assim, as lembranças que tenho de Londres sejam só minhas? Não estariam os escritos de Dickens em minha mente quando visitei Londres pela primeira vez? Não estariam estes escritos comigo em minhas recordações? O associação que foi feita entre dois contextos distintos através de um gesto, como no caso dos Swazi, é aqui possível através do livro, da escrita, da informação. A conclusão em ambos os casos é a de que, mesmo sós, lembramo-nos a partir da memória do outro.

Esta é uma reflexão atualíssima e que nos aproxima da década de 20 de forma impressionante; na verdade, é uma questão a que toda abordagem à construção contemporânea de identidades coletivas necessita considerar. Até que ponto o monitoramento reflexivo se o considerarmos enquanto condição moderna da percepção de nossas lembranças pode ignorar o fato de que nossas escolhas, reações, hábitos foram sendo constituídos a partir de nosso relacionamento com representações coletivas, como aquelas que aparecem no livro de Dickens sobre as paisagens de Londres? Halbwachs ao considerar os quadros sociais da memória está levantando a questão da presença do outro genérico em nossa percepção da realidade, em que a co-presença não é um pré-requisito de constituição de identidade. Portanto, mesmo sem presenciar as revoluções tecnológicas e informacionais deste final de século, Halbwachs, ao destacar a influência dos escritos de Dickens na forma pela qual ele foi capaz de reconhecer Londres, já destaca como fundamental a importância da informação enquanto mediadora do processo de construção da identidade. E o que Halbwachs faz desta informação, deste outro genérico presente em nós? É dele a afirmativa de que en même temps qu'on voit les objets, on se représente la façon dont les autres pourraient les voir: si on sort de soi, ce n'est pas pour se confondre avec les objets, mais pour les envisager du point de vue des autres . . . (1925, 274-5). Novamente, aqui, está a afirmação de que não há um mundo de objetos, de representações coletivas, que se impõe a nós, pois somos nós que o vemos, ainda que e este é o ponto crucial sob o ponto de vista dos outros.

Halbwachs, portanto, não cristalizou memórias coletivas como realidades abstratas e finais que se colocavam deterministicamente sobre indivíduos.(5) Muito menos ignorou que lembranças são construídas à medida em que indivíduos interagem uns com os outros. O que ele procura mostrar é que construções sociais (que poderíamos chamar de quadros sociais da memória, mas também de representações coletivas, ou ainda, identidades coletivas) mantêm certa liberdade em relação aos indivíduos que as criaram. Neste momento, apesar de reconhecer que nenhuma memória pode existir se indivíduos não mantêm vínculos pessoais entre si, Halbwachs afasta-se daqueles que pensam ser possível compreender a memória exclusivamente através da investigação da rede de interações sociais.

III

É preciso confiar no acaso, esperar que muitos sistemas de ondas cruzem-se novamente, nos meios sociais em que nos movemos materialmente ou em pensamento, e façam vibrar, da mesma maneira que outrora, o aparelho registrador que é a nossa consciência individual.

Maurice Halbwachs

Halbwachs, em seu trabalho, colocou em questão a possibilidade, levantada pelos filósofos e pensadores de sua época, de que a memória pudesse representar um atributo individual, capaz de resgatar o passado, independentemente de construções sociais. Ora, se indivíduos constituem-se a partir de construções sociais, como pensar a autonomia dos indivíduos perante estas últimas? Em outras palavras, como atribuir autonomia e reflexividade a indivíduos que nada mais são que fragmentos de um mundo social complexo?

Halbwachs trabalhou com o sujeito que constitui-se a si próprio através de seu confronto não apenas com sua imagem especular, mas com o outro em um processo contínuo de transformação. Explicou em diversas passagens de sua obra que aqueles que lembram são os indivíduos, que revisam suas lembranças fragmentadas e desconectadas de acordo com narrativas consolidadas coletivamente (1925, pp. 40-46). Ele nem eliminou de suas considerações a importância do ator que reconstrói seu passado, nem considerou construções coletivas como autônomas, mas, sim, negou ao indivíduo, ao inconsciente ou à natureza humana qualquer independência em relação à sociedade.

Ainda assim, como pensar a nossa individualidade, diferença, dentro dos paradigmas estabelecidos por Halbwachs, se todos nos relacionamos com uma estrutura genérica e coletiva? Como compreender a diferenciação que surge junto com novos movimentos sociais, se há uma estrutura básica que antecede a todos?

Em primeiro lugar, é preciso compreender que Halbwachs pensa tanto o indivíduo, quanto um grupo de indivíduos, antes de tudo, enquanto indivíduos que interagem socialmente. Se nós pensarmos uma situação em que um recém-nascido é completamente separado do convívio de outros seres humanos e de todos os instrumentos da civilização, tais como linguagem, costumes e tradições, fica, realmente, difícil imaginar que identidade de si própria esta criança será capaz de construir. Se indivíduos constroem suas identidades através do uso da linguagem, por exemplo, que é uma construção social que antecede a existência destes indivíduos, podemos concluir que há elementos determinantes desta construção fora do alcance da vontade e do poder reflexivo destes indivíduos. Por mais que eles reconstruam elementos desta mesma linguagem, à medida em que a utilizem, eles também são parte de sua manutenção e continuidade.

Para Halbwachs, indivíduos têm a impressão que suas memórias são únicas e coerentes porque eles necessitam desta memória para se compreenderem em seu mundo. No entanto, cada contexto social é percebido de uma variedade enorme de pontos de vista e cada indivíduo faz sua própria montagem, ou collage, sobre a realidade vivida. Se a memória de um indivíduo é diferente da memória de seu irmão, de seu amigo, isto se deve ao fato que cada indivíduo confronta-se, durante seu percurso de vida, com uma complexidade única de situações (1968, 15-7). Indivíduos apresentam, portanto, diferentes comportamentos, não porque tenham personalidades ou naturezas diferentes, mas devido às experiências diversas por que passaram (no sentido de construir e incorporar) ao longo de suas vidas.

De acordo com este mesmo raciocínio, Halbwachs construiu uma alternativa às teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, dissociando tanto problemas de linguagem quanto o significado de sonhos do inconsciente ou mesmo de doenças mentais. O estudante que bloqueia sua memória durante um exame, argumenta ele, não o faz por problemas mentais ou por características de sua personalidade, mas por condições eminentemente sociais. Sem a tensão provocada pelo exame, sua memória estaria perfeita. Afetividade, emoções, características individuais, repressões e intenções, todos, são aspectos que devem ser compreendidos em relação às determinações sociais. A afasia surge como resultado de problemas na interação entre indivíduos e seus grupos sociais (1925, 64-69). Da mesma forma, sonhos não podem ser explicados por uma liberação de repressões subjetivas. É sua a análise de que sonhos não representam experiências profundas, submersas, que escapam a repressão da consciência durante o sono, ou seja, não são resultado do conflito entre inconsciência e consciência. Diferentemente, compreende que imagens presentes em sonhos são imagens coletivas fragmentadas porque à medida em que indivíduos dormem eles não são capazes de organizar as imagens da mesma forma que ao estarem em um grupo social. Não há, para Halbwachs, portanto, imagens ocultas a serem recuperadas por um trabalho psicanalítico de desocultamento ou libertação, pois para ele nossas mentes não são um arquivo enciclopédico capazes de armazenar toda sorte de impressões e imagens. Como é impossível lembrar enquanto dormimos, o que acontece, segundo ele, é que algumas vezes não somos capazes de reconstruir nossas lembranças de acordo com imagens coletivas porque não contamos com todos os nossos sentidos para esta tarefa, ou seja, podemos estar adormecidos ou embriagados.

Nós encontramos em Halbwachs uma série de reflexões que nos permitem uma maior mobilidade na compreensão dos processos de construção de identidades coletivas. São deles as afirmações, por exemplo, de que a memória é fruto de interações sociais; de que nestas interações há a constituição da imagem de cada um no outro; e de que indivíduos tem uma personalidade fragmentada aberta a múltiplas composições. Estes são, sem dúvida, fundamentos que também estão presentes em alternativas mais recentes à perspectiva psicanalítica Freudiana clássica, como as de Jacques Lacan.(6) Em contraposição à dinâmica descrita por Freud, que envolve a repressão e introjeção de instintos sexuais enquanto aspecto explicativo do processo de formação da identidade, Lacan, por exemplo, opta por rejeitar o entrelaçamento entre explicações biológicas sobre instintos e processos de construção de identidade. O inconsciente estaria ligado às condições sociais e históricas da vida moderna e a psicanálise voltaria-se para a interpretação das imagens que pertencessem ao mundo e suas determinações (Lacan, 1966).

Halbwachs, portanto, antecede algumas questões importantes ao enfatizar a memória individual enquanto o lugar do encontro de uma diversidade de quadros sociais da memória. Embora eu, particularmente, não

acredite que a memória possa conter apenas uma definição, pois lembramo-nos do passado de acordo com experiências distintas que ainda podem ser vivenciadas entre nós no presente (Santos, 1994), penso que Halbwachs está absolutamente certo ao perceber que, embora haja diferentes formas de lembrar o passado, estas são formas que, além de se entrelaçarem e complementarem, não dependem exclusivamente de nossa vontade. Dessa forma, mais uma vez eu ressalto que os limites do trabalho de Halbwachs não se encontram em suas observações sobre memória coletiva, mas na unilateralidade com que estuda os lugares coletivos da memória. Acredito que nossas memórias podem iluminar aspectos reprimidos ou não conscientes, justamente, porque há essa diversidade no lembrar, a qual, além de não depender completamente de nossas vontades, muitas vezes, é conflitante e contraditória. Dependem de uma realidade complexa, que tanto as constrange quanto as habilita.

A percepção de que não só instintos precisam ser considerados na compreensão dos condicionamentos ao comportamento humano, por exemplo, não necessariamente nos leva a ignorá-los. Paul Ricoeur, em seu estudo sobre Freud, mostra que este, ao considerar que o instinto da morte que significa uma forma de defesa orgânica a estímulos externos precede os instintos do prazer e da realidade, acaba por permitir à natureza seu lugar, sem que se possa atribuir a ela uma determinação direta sobre formas de expressão e manifestação de comportamento(7). Ricoeur, como Freud, procura trabalhar simultaneamente com a esfera do simbólico e do não-simbólico, dando a sua obra uma abertura que nem sempre é percebida e uma variedade infinita de reinterpretações.

Os problemas no trabalho de Halbwachs, portanto, aparecem apenas quando ele volta-se para a concretização de uma abordagem científica. Sua afirmativa de que o estudo empírico de memórias coletivas poderiam responder todas as perguntas sobre o significado da memória acaba por atribuir um caráter neutro e atemporal a construções que, na verdade, são delimitadas por ele e relativas a contextos específicos. Entretanto se compreendemos os limites de seu cientificismo, este é um aspecto que, como tenho mostrado, de forma alguma subtrai a consistência e atualidade de suas investigações.

IV

Para além desta franja do tempo que se move, ou, mais exatamente, do tempo coletivo, não há nada, pois o tempo dos filósofos não é senão uma forma vazia.

Como uma sociedade, qualquer que seja, poderia existir, subsistir, tomar conhecimento de si mesma, se ela não considerasse um conjunto de acontecimentos do presente e do passado, se ela não pudesse reconstruir o curso do tempo e recuperar incessantemente os traços que deixou de si mesma?

Maurice Halbwachs

Da mesma forma que Halbwachs negou ao indivíduo uma condição independente, também negou ao passado qualquer possibilidade de distanciamento ou primazia em relação ao mundo social em que vivemos. Compreendeu a reconstrução do passado exclusivamente em relação a um conjunto de convenções comuns (quadros sociais), isto é, em relação ao mundo material e moral no qual indivíduos vivem no presente. Mais uma vez, Halbwachs levantou um argumento que é irrefutável: o passado que é reconstruído no presente obedece às tensões, normas e situações deste mesmo presente. Para ele, o que une passado e presente não é o fato de haver uma continuidade no tempo, mas o fato de que diversos momentos fazem parte de um conjunto de pensamentos comuns a um só grupo, de um quadro social da memória. A diferença entre lembranças de um passado recente e um passado remoto é que a cada lembrança corresponde um quadro social distinto.

Da mesma forma que Halbwachs considerou a distinção entre o resultado das construções sociais da memória e os quadros sociais da memória, ele também manteve presente a diferenciação entre passado e presente.

A densidade do pensamento do filósofo Henri Bergson pode ser encontrada no seu trabalho, à medida em que ele também rejeitou radicalmente a definição de um tempo homogêneo unindo passado e presente, que tivesse como base a matemática ou a física. Foi nesse sentido, que procurou afastar o estudo das memórias coletivas do estudo da história, associada por ele ao estabelecimento da esquematização e do arbítrio sobre o passado (1968, pp. 35-79. Não sabia que, pioneiramente, estaria inaugurando o estudo de mentalidades coletivas, que posteriormente celebrizou toda uma geração de historiadores franceses.(8)

Para Halbwachs, memórias – sejam elas memórias de indivíduos, grupos ou nações – existem somente porque elas são construídas em relação a um complexo conjunto de convenções sociais, isto é, em relação ao conjunto da vida moral e material das sociedades em que indivíduos vivem. Para ele, enquanto história representa uma esquematização arbitrária do passado, com seus cortes e períodos artificiais, a memória coletiva implica na percepção de uma corrente contínua de pensamento que envolve seres humanos em relação uns com os outros. O passado que existe é o passado que está presente na consciência destes grupos. Indivíduos sempre constroem seu passado de acordo com preocupações e situações estabelecidas no presente. Como as imagens do passado são o resultado da interação entre os indivíduos e seus grupos, a história só é possível quando a tradição acaba, ou seja, no momento em que a memória coletiva deixa de existir (1968, 68).(9)

Halbwachs, portanto, utilizou uma metodologia similar ao do historiador que procura uma compreensão de uma época através do estudo que correlaciona redes de sociabilidade a estruturas coletivas de pensamento. Seu estudo sobre peregrinações religiosas a terras santas (1941) é hoje um marco na historiografia contemporânea, pois nele Halbwachs estudou lugares geográficos, como portas de entrada para o estudo compreensivo de imagens e comemorações. *La Topographie*, como, aliás, foi o destino de seus demais trabalhos, surge novamente como precursor de uma série de iniciativas que hoje encontram-se engatinhando no terreno da metodologia e da teoria social. Sua tese é a de que a Terra Santa bíblica foi um território imaginário, construído durante a Idade Média, na Europa, e sobreposto, mais tarde, ao território da Palestina. Longe de ser uma descoberta, a Terra Santa significou, portanto, o resultado da projeção do imaginário de fiéis cristãos sobre determinado lugar.

Embora socialista compenetrado, Halbwachs não atribuiu a seus trabalhos um conteúdo inerentemente político, pois encontrava-se à procura das certezas da ciência positivista no campo das ciências sociais. Isto não impede, no entanto, que seus trabalhos, hoje, sejam resgatados por todos aqueles que se voltam para a decodificação de formas de representação comemorativa em busca da compreensão de imposições e resistências relativas a políticas dominantes. Para aqueles que se preocupam com as consequências de políticas da memória, fica claro observar que os monumentos erguidos pelos cristãos na Terra Santa estiveram associados ao poder do Cristianismo, que soube impor sua tradição em um local onde a cultura dominante lhe era completamente hostil. As peregrinações à Terra Santa teriam o papel de dar continuidade e estabilidade à tradição religiosa. Além disso, através do trabalho minucioso e detalhista de desconstrução das imagens presentes na Palestina, através das quais a vida de Jesus foi reverenciada através dos séculos, Halbwachs nos surpreende com a observação de que os lugares escolhidos pelos peregrinos cristãos como santificados eram quase todos eles lugares há muito considerados pelo povo judeu como sagrado. O quadro social da memória judaica, portanto, indicava a estrutura mais profunda da memória, capaz de ditar a escolha dos lugares da memória cristã. Mostrou com isso que os quadros sociais da memória – tais como objetos físicos com os quais estamos em contato direto e que modificam-se muito pouco – nos fornecem uma imagem de permanência e estabilidade crucial para a inserção de indivíduos em seu mundo.

La Topographie, um estudo, aparentemente desprezível, categoricamente definido por seu autor como sociológico e não histórico, representa, portanto, uma contribuição importante não só às correntes historiográficas contemporâneas que procuram, através da desconstrução das imagens e tradições, perceber a importância destas em oferecer um suporte a nossas memórias, mas, também, a todos aqueles que se engajam na defesa de novas políticas de identidade. Halbwachs mostrou que lugares da memória apresentam um poder inercial – fixo em pedras, monumentos e construções arquitetônicas, mas também em rituais e comemorações – capaz tanto de impor a representação de um grupo sobre outros de forma bastante eficaz, como, por outro

lado, de abrir um espaço para o fortalecimento de grupos oprimidos que podem se reafirmar politicamente através da recuperação de seus lugares da memória.

Em suma, o trabalho de Halbwachs nos mostra a importância política dos lugares da memória e nos diz que nenhuma memória pode existir sem uma referência a estruturas espaciais, resultantes de construções sociais. Não é pouco. A experiência de um tempo fragmentado pode ser compreendida pela ruptura dos laços entre gerações, uma vez que avós e netos não compartilham mais o mesmo grupo social, e não têm como referência os mesmos quadros sociais. Torna-se plenamente compreensível, portanto, a crescente percepção de descontinuidade em relação ao tempo que se observa contemporaneamente.

Diria apenas que, na sua ênfase à importância dos quadros sociais da memória, Halbwachs foi muito radical na rejeição à tentativa de Bergson de atribuir à memória a possibilidade de união entre experiências distintas de tempo. Bergson trabalhou com dois tipos de memória, aquela que trazia para o presente uma imagem a partir da semelhança e reconhecimento entre imagens, e aquela que estava presente não em imagens, mas na continuidade de hábitos da vida cotidiana (1985, 83-96). Se uma pessoa, por exemplo, lembra-se de diferentes leituras ou aprendizados de uma mesma lição, ela é capaz de associar cada uma delas a uma ocasião específica, localizando-a em determinado lugar e em determinada época. Estas leituras, passíveis de serem localizadas no tempo e no espaço, seriam, para Bergson, experiências únicas. Entretanto, há formas de aprendizado que só podem ser identificadas a partir de nossas performances. Não somos capazes de identificar o momento preciso em que aprendemos a ler, andar de bicicleta ou evitarmos uma situação de perigo. Diferentes etapas do aprendizado não se separam nestes últimos exemplos. Bergson atribuiu à memória a capacidade de unir o plano de experiências vivenciadas, capazes de nos permitir uma consciência espaço-temporal de continuidade (*durée*), a outro marcado pelo distanciamento e heterogeneidade.

Como vimos, a memória viva ou involuntária, vinculada a *durée*, encontrava-se para Halbwachs isolada em lagos miniaturas encaixados em rochas e, por isso, ele não dedicou maiores esforços de ir ao seu encontro. Em debate com Halbwachs, Marc Bloch historiador que trabalhou com uma perspectiva interpretativa bem delineada levantou uma questão que mantém-se atual: a insuficiência do estudo dos quadros sociais da memória em lidar com experiências adquiridas do passado e transmitidas entre gerações.(10) Esta é uma crítica que é retomada por aqueles que estudam processos comemorativos como sendo capazes de manter significados ao longo do tempo (Connerton, 1989).

Embora muitos sejam os autores que, tal como Halbwachs, não acreditem que a memória, vinculada à intuição, ou mesmo à razão, possa desempenhar o papel atribuído por Bergson, os caminhos tomadas a partir desta constatação são diversos. Walter Benjamin, por exemplo, em uma das abordagens mais sensíveis da atualidade à memória, apostou na possibilidade de que o confronto de experiências distintas pudesse explodir constelações configuradas permitindo um acesso ao mar banhando as rochas, se seguirmos a analogia de Halbwachs. Embora, aceitando a distância entre construções sociais e suas representações, ele não desprezou a possibilidade de compreender seja o passado, seja verdades ocultas através da análise de fantasmagorias: construções estáticas do presente onde experiências relativas a diferentes momentos se encontravam. Desenvolveu uma pesquisa de imagens dialéticas, que representa a tentativa de confrontar diferentes experiências no tempo e no espaço.(11)

Benjamin, portanto, ainda que consciente dos aspectos levantados por Halbwachs, aponta uma alternativa. Associou conhecimento a imagens dialéticas, ou seja, à presença de imagens relativas a diferentes experiências históricas presentes num mesmo momento, numa mesma constelação, em conflito. A partir de tensões aparentes no imaginário do presente, seria possível a busca de um passado perdido. Embora não seja meu intuito aprofundar o conceito de imagens dialéticas de Benjamin, o que é fundamental deste conceito para o estudo da memória é que o confronto de diferentes formas de experiência humana, advindas de diferentes tempos históricos, seria capaz de possibilitar que o passado interviesse no presente trazendo conhecimento (Buck-Morss, 1989). Este conhecimento, no entanto, não se dá sob a forma de razão, que tem por fundamento a verdade, mas sob a possibilidade de uma prática libertária em relação ao passado, a redenção. Para Benjamin, portanto, as condições traumáticas da vida moderna ao trazerem consigo a desintegração da aura e a excepcionalidade da memória involuntária (*Erfahrung*) permitem o resgate do passado das mãos dos vencedores do presente e com isso a redenção deste mesmo passado.

Em que pese a rigidez do pensamento de Halbwachs e sua necessidade de aproximar-se das ciências naturais, os méritos do seu trabalho são inúmeros. Na verdade, ele tem influenciado toda uma geração de historiadores, antropólogos, sociólogos e, cada vez mais, cientistas políticos, que se voltam para os diagnósticos da modernidade e uma de suas maiores conseqüências, as políticas de identidade. Foi um dos primeiros intelectuais deste século a priorizar o estudo de imagens e a inserir em sua investigação dados arqueológicos, iconográficos e arquitetônicos ao lado de testemunhos de época. Possibilitando uma melhor compreensão da relação entre identidade, ego e representações coletivas presentes nos quadros sociais da memória, ele continua a mostrar hoje, como mostrou no passado, que nossa capacidade de pensar, agir e transformar o mundo, seja ela estratégica ou reflexiva, necessita sempre considerar seus limites, pois há nestes processos alguns aspectos que, por mais que os incorporemos, nos antecedem e sobre o qual não temos controle. Além disso, mostrou como o estudo de lugares da memória, ao voltar-se para longos períodos de tempo, ainda é capaz de tornar evidente que as marcas deixadas pelos vencidos não são tão imperceptíveis como até pouco tempo se supunha.

notas

- 1 Para dados biográficos sobre Halbwachs, ver J.-Michel Alexandre (1968); Mary Douglas (1985) ou, ainda, Hutton (1993).
- 2 No decorrer do trabalho, procurarei manter o termo quadro social da memória, deixando claro o sentido espacial e temporal que Halbwachs atribui a este conceito, que está sendo utilizado por mim na discussão sobre identidade coletiva.
- 3 Diversos trabalhos têm apontado a proximidade entre os trabalhos de Halbwachs e Bartlett, ressaltando a complementaridade de ambos. Ver, por exemplo, Mary Douglas (1968, 1986) e Ecléa Bosi (1987).
- 4 Uma importante coletânea de trabalhos nesta perspectiva encontra-se em Middleton e Derek (orgs.) (1990).
- 5 É importante ressaltar aqui que este é um argumento que tem sido reiterado por Mary Douglas (1985, 1986) em seus escritos sobre Halbwachs e memória coletiva.
- 6 Ver, por exemplo, as perspectivas de Lacan quanto a formação de personalidade. Desenvolvo uma análise da importância desta abordagem para o estudo da memória em minha tese de doutorado (Santos, 1994, pp. 83-119).
- 7 Ricoeur também vai afirmar que o inconsciente possui um aspecto não-linguístico, concluindo que a questão entre significado e expressão na linguagem não adquire uma resolução completa em si mesma: "But none of this prove that what thus come to language or better, is brought to language is or must be language. On the contrary, because the level of expression proper to the unconscious is not language, the work of interpretation is difficult and constitutes a veritable linguistic promotion." (1978, p. 312). Esta observação sobre o instinto da morte ser um instinto anterior e "silent" em comparação aos demais aparece também em outro trabalho de Ricoeur sobre Freud (1979, p. 308).
- 8 Hutton (1988, 1993) tem desenvolvido uma análise comparativa sistemática entre o trabalho de Halbwachs e a historiografia iniciada por Philippe Ariès, bem como a proximidade entre seus trabalhos e os de Foucault, no que diz respeito a um método historiográfico desconstrutivista.
- 9 Esta mesma distinção entre memória e história é feita por Pierre Nora (1984-1992) e outros historiadores franceses que participam de seu trabalho coletiva em *Les Lieux de mémoire*.
- 10 Marc Bloch, "Mémoire collective: tradition et coutume" in *Revue de Synthèse Historique*, nº XL, pp. 73-83.
- 11 Para uma análise de Benjamin sobre memória, ver, principalmente, *Illuminations* (1968).

BIBLIOGRAFIA

- Alexandre, J.-Michel. 1968. Introduction, em Maurice Halbwachs, *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bartlett, Frederic C. 1961 [1932]. *Remembering: a Study in Experimental Social Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Benjamin, Walter. 1968. *Illuminations: Essays and Reflections*, ed. por Hannah Arendt. New York: Harcourt, Brace & World.
- Bergson, Henri. 1985 [1939]. *Matière et mémoire*. Reprint. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bloch, Marc "Mémoire collective: tradition et coutume" in *Revue de Synthèse Historique*, n° XL, pp. 73-83.
- Bosi, Ecléa. 1987 [1973]. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Edusp.
- Buck-Morss, Susan. 1989. *The Dialectics of Seeing: Walter Benjamin and The Arcades Project*. Cambridge, Ma.: The MIT Press.
- Connerton, Paul. 1989. *How Societies Remember*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Douglas, Mary. 1985. Introduction em Maurice Halbwachs, *The Collective Memory*. New York: Harper & Row Publishers, Inc.
- Douglas, Mary. 1986. *How Institutions Think*. London: Routledge & Kegan Paul, 1986, pp. 81-90.
- Gadamer, Hans-Georg, *Truth and Method* (New York: Basic Books, Inc. Publishers, 1991).
- Halbwachs, Maurice. 1925. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Halbwachs, Maurice, "La mémoire collective chez les musiciens" in *Revue Philosophique* 127: 136-65.
- Halbwachs, Maurice. 1941. *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte: Étude de mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Halbwachs, Maurice. 1950. *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Hutton, Patrick H. 1988. *Collective Memory and Collective Mentalities: The Halbwachs-Ariès Connection, em Historical Reflections*, 15, 2, pp. 311-322.
- Hutton, Patrick H. 1993. *History as an Art of Memory*. Hanover, NH: University Press of New England.
- Lacan, Jacques. 1966. *Écrits 1*. Paris: Éditions du Seuil.
- Middleton, David e Derek Edwards (eds.). 1990. *Collective Remembering*. London: Sage Publications.
- Neisser, Ulric. 1982a. What are the Important Questions, em Ulric Neisser (org.), *Memory Observed: Remembering in Natural Contexts*. Oxford: W. H. Freeman.
- Neisser, Ulric. 1982b. John Deans Memory: A Case Study, em Ulric Neisser (org.), *Memory Observed: Remembering in Natural Contexts*. Oxford: W. H. Freeman.
- Neisser, Ulric. 1990a. New Vistas in the Study of Memory, em Ulric Neisser e E. Winograd (org.), *Remembering Reconsidered: Ecological and Traditional Approaches to the Study of Memory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Neisser, Ulric. 1990b. What is Ordinary Memory the Memory of?, em Ulric Neisser e E. Winograd (org.), *Remembering Reconsidered: Ecological and Traditional Approaches to the Study of Memory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nora, Pierre. 1984-1992. *Les Lieux de Mémoire*. 3 volumes. Paris: Gallimard.
- Ricoeur, Paul. 1978. "Image and Language in Psychoanalysis" em *Psychoanalysis and Language*, ed. J. H. Smith, New Haven and London: Yale University Press.
- Ricoeur, Paul. 1979. "Psychoanalysis and the Movement of Contemporary Culture" em *Interpretive Social Sciences: A Reader*, ed. P. Rabinow & E. Sullivan, Berkeley: University of California Press.
- Santos, Myrian S., "O Pesadelo da Amnésia Coletiva" in *RCBS* 23: 70-84.
- Myrian Sepúlveda dos Santos

Myrian Sepúlveda dos Santos
Prof. Adjunta do Dep. Ciências Sociais - UERJ

XXI Encontro Anual da ANPOCS